

Estrutura retórica, combinação de orações, estruturas desgarradas: *revisitando* *contribuições de Beatriz Decat para estudos* *funcionalistas*

*Rhetorical structure, clause combining, unattached structures: revisiting
Beatriz Decat's contributions for functionalist studies*

André V. Lopes CONEGLIAN

Universidade Federal de Minas Gerais
coneglian@ufmg.br



Juliano Desiderato ANTONIO

Universidade Estadual de Maringá
jdantonio@uem.br



Resumo: Este trabalho tem como objetivo destacar as importantes contribuições de Maria Beatriz Nascimento Decat para a investigação do tradicional “período composto”. No Brasil, Decat foi a pioneira nos estudos da estrutura relacional discursiva a partir da Teoria da Estrutura Retórica. À luz de alguns dos principais trabalhos de Decat, analisamos dois corpora, um de língua falada constituído de entrevistas de professores universitários, e outro de língua escrita, constituído de uma amostra de crônicas, a fim de descrever o funcionamento de relações discursivas e combinação de orações, bem como das construções desgarradas, respectivamente. Os dados de língua falada mostram alto índice de ocorrência da conjunção temporal quando e baixo índice de ocorrência de outras expressões de natureza temporal, como na hora em que ou depois que. Os dados de língua escrita revelam alta frequência de ocorrência de desgarramento de constituintes de predicação simples e baixa frequência de ocorrência de desgarramento de predicados complexos. Esses dois estudos permitem tanto confirmar algumas das teses defendidas por Decat, quanto propor novas generalizações com base nos dados apresentados, particularmente no que diz respeito à testagem quantitativa de propostas feitas pela homenageada em seus trabalhos.

Palavras-chave: combinação de orações; RST; orações desgarradas.

Abstract: The aim of this paper is to highlight the important contributions of Maria Beatriz Nascimento Decat to the investigation of what is traditionally labeled as “complex sentences”. In Brazil, Decat was the pioneer in the studies of discourse relational structure using Rhetorical Structure Theory. In the light of some of Decat’s main contributions, we analyze data from two different corpora, one of spoken language samples and the other of written language samples, in order to describe some of the structural and functional properties of discourse relations and clauses combining and of unattached structures, respectively. The data from the spoken language corpus reveal a high frequency of conjunctions such as *quando* (when) and low frequency of complex conjunctive terms. The data from the written language corpus reveal a high frequency of unattached constituents from simplex predication, and a low frequency of unattached complex clauses. These two studies show allow us not only to confirm some of the hypotheses raised by Decat, but also to extend and reframe some of her generalizations, particularly because of the use of quantitative methods.

Keywords: clause combination; RST; unattached clauses.

1 INTRODUÇÃO

A história da Linguística no Brasil vem sendo escrita a muitas mãos pelas mais diversas correntes teóricas que se dedicam ao estudo científico da linguagem humana. Um capítulo importante dessa história é o do Funcionalismo, que, de acordo com Neves (2018), abarca modelos teóricos muito diferentes. É no âmbito do paradigma funcionalista que este trabalho objetiva destacar as importantes contribuições da professora Maria Beatriz Nascimento Decat para a investigação do que tradicionalmente se chama “período composto”. No Brasil, Decat foi a pioneira nos estudos da estrutura relacional discursiva a partir da Teoria da Estrutura Retórica (MANN; THOMPSON, 1983; MANN; THOMPSON, 1988), além de divulgar de forma prolífica a perspectiva funcionalista para o estudo da articulação de cláusulas, tendo, inclusive, proposto o conceito de orações desgarradas no português brasileiro.

À luz de alguns dos principais trabalhos de Decat, pretende-se apresentar análises de amostras de dois corpora em duas frentes, a saber: 1) relações discursivas e combinação de orações; 2) construções desgarradas. O primeiro tema será analisado no corpus de língua falada do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná (Funcpar), composto por aulas e entrevistas com professores e pesquisadores universitários. O segundo tema será investigado em um corpus formado por textos escritos do Projeto Veredas, vinculado ao Núcleo de Pesquisas em Semântica e Pragmática (Faculdade de Letras/UFMG).

O corpus de aulas é formado por oito aulas de curso superior e de curso pré-vestibular. Os informantes são professores de Maringá (PR) que ou nasceram na cidade e lá residem nela desde então ou que não são naturais dela, mas residem no local há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante as aulas, motivo pelo qual se espera um certo grau de formalidade nos textos no que diz respeito ao uso do português considerado “culto”.

Por sua vez, o corpus de entrevistas é formado por dez entrevistas orais. Os informantes das entrevistas, que não são os mesmos das aulas, são professores de Maringá (PR) que ou nasceram na cidade e lá residem nela desde então ou que não são naturais dela, mas residem no local há mais de 10 anos. Para que esses informantes apresentassem um comportamento linguístico mais espontâneo durante a entrevista, solicitou-se previamente a cada um deles um artigo científico de sua autoria. Após a leitura do texto, o pesquisador elaborou perguntas sobre o processo de produção do artigo em si e sobre os temas tratados no trabalho. Observou-se que esse procedimento possibilitou um maior envolvimento dos informantes com o

conteúdo do que estavam falando, diminuindo-se o efeito “intimidatório” que o gravador geralmente causa aos entrevistados.

A transcrição foi feita alfabeticamente, seguindo-se um padrão baseado nas normas do projeto NURC (PRETI, 1993, p. 11–12), com algumas adaptações, e segmentada em unidades de entonação. Segundo Chafe (1985), a fala espontânea não é produzida em um fluxo contínuo, mas em uma série de breves jorros que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência no momento da enunciação. Esses jorros são chamados por Chafe de unidades de entonação. Para a identificação dessas unidades, Chafe propõe três critérios: entonação (a maior parte das unidades termina com um contorno típico de final de oração), pausa (a separação entre as unidades é feita por uma breve pausa), sintaxe (há uma tendência para as unidades corresponderem a orações simples).

O corpus de língua escrita é formado de fábulas esopianas, lobatianas e millorianas, de colunas jornalísticas destinadas ao público feminino, de crônicas e de bulas. Para os propósitos desta homenagem, a análise ocupa-se de uma amostra de 56 crônicas de Luís Fernando Veríssimo, publicadas em diversos jornais na década de 2010, e reunidas na antologia Veríssimo antológico (VERÍSSIMO, 2020). A escolha desse gênero para as análises resulta de um interesse da própria Decat, que até mesmo já escreveu crônicas. A amostra dos 56 textos resulta em um corpus especializado de controle, de 35.076 palavras, o qual pode servir de base para estudos comparativos com outros corpora de referência do português brasileiro.

2 CONTRIBUIÇÕES DE DECAT PARA O ESTUDO DA COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES E DA ESTRUTURA RETÓRICA

Em sua tese de doutorado (1993) e em seu texto seminal de 2001, Decat divulga, no Brasil, uma nova maneira de tratar a combinação entre as orações. Com base principalmente em Halliday (1985) e em Matthiessen e Thompson (1988), a pesquisadora apresenta uma abordagem funcional-discursiva para o estudo das orações adverbiais.

De acordo com a autora, não é adequado tratar as orações adverbiais sob o rótulo de subordinadas. As orações adverbiais, embora dependam sintaticamente da chamada oração “principal”, não estão encaixadas (integradas) na estrutura da principal. Ademais, as orações adverbiais estão relacionadas ao “aspecto organizacional do discurso” (DECAT, 2001, p. 106). Além da função gramatical, as orações adverbiais também exercem função discursiva “no sentido de orientar o ouvinte para a mensagem que se quer transmitir, organizando, assim, a forma do discurso” (DECAT, 2001, p. 106). Por esses motivos, a autora utiliza o rótulo “hipotaxe

adverbial” para se referir às orações adverbiais e rotula as relações estabelecidas pelas adverbiais como “combinação ou articulação de orações”.

Na ocorrência (1), que vem a seguir, encontrada em uma entrevista do *corpus* de língua falada, a primeira unidade, uma oração hipotática adverbial concessiva, orienta a interpretação do conteúdo de toda a porção textual subsequente. Ao afirmar que sempre gostou de análise de alimentos, a entrevistada cria a expectativa de que toda sua formação é nessa área. Nas unidades 2 e 3, a entrevistada acrescenta informações parentéticas que confirmam essa expectativa. No entanto, o fato de ter mestrado em química ambiental frustra essa expectativa. Para Neves (2000), as construções concessivas, juntamente com as adversativas, têm sentido básico de contrariedade a uma expectativa. Dessa forma, no exemplo (1), a concessão orienta o destinatário a esperar que alguma parte da formação da entrevistada não tenha sido em análise de alimentos. Para Thompson e Mann (1987), autores que fundamentam o pensamento funcionalista de Decat, a concessão não deve ser interpretada em termos de orações isoladas, mas “em termos do trabalho que o texto está fazendo para o escritor” (tradução nossa, p. 441). Os mesmos autores, em trabalho anterior (THOMPSON; MANN, 1985), haviam proposto que a concessão deveria ser concebida não em termos semânticos, mas em termos textuais, como uma relação discursiva. Nessa visão, uma relação de concessão se estabelece entre duas porções de texto *a* e *b* (considerando-se *b* a parte que faz a concessão) se for plausível que o autor do texto (p. 438):

- a) tenha conceito positivo por *a* e queira que seu destinatário tenha conceito positivo por *a* também;
- b) reconheça uma potencial ou aparente incompatibilidade entre as situações apresentadas em *a* e *b*;
- c) considere as situações apresentadas em *a* e *b* como compatíveis;
- d) acredite que o fato de o destinatário reconhecer essa incompatibilidade aumentará seu conceito positivo por *a*, de forma que será menos provável que o destinatário descarte *a* em face de possíveis objeções a *a*.

Para Thompson e Mann (1987), ter conceito positivo está relacionado aos objetivos que o produtor do texto almeja atingir em seu destinatário por meio de seu texto, ou seja, significa criar uma atitude de aprovação, interesse, levar o destinatário a acreditar em algo. Segundo os autores, nesse tipo de abordagem, as orações não podem ser consideradas

¹ “[...] in terms of the work the text is doing for the writer [...]”.

isoladamente, pois não seria possível inferir os objetivos do autor do texto. Ainda segundo Thompson e Mann (1987, p. 441, destaque original),

Somente em termos de contexto discursivo podemos compreender como a concessão é uma ‘concessão’ de algo: ela concede a incompatibilidade potencial de duas situações para antecipar uma objeção que poderia interferir na crença do destinatário a respeito do argumento que o autor defende (grifo dos autores, tradução nossa).²

- (1) .. apesar de eu sempre gostar muito assim de:: análise de alimentos desde de:: cedo,
.. o meu segundo grau eu fiz em tecnologia de alimentos,
.. então eu sou técnica em alimentos,
.. e sou química,
.. mestre em química ambiental por um acaso,
.. fugi à regra,
.. mas por uma questão mesmo na época de:: de disponibilidade de orientação né,
.. e agora doutora em química de alimentos né,

Outro argumento utilizado pela professora Beatriz Decat (2001) para defender a diferença entre a hipotaxe adverbial e a subordinação é o escopo das orações adverbiais. Enquanto, em uma abordagem tradicional, uma oração toma como escopo apenas uma oração, na perspectiva adotada por Decat, a relação pode extrapolar o nível sentencial. Uma oração adverbial pode realçar não apenas uma única oração, mas um conjunto de orações. Da mesma forma, um conjunto de orações adverbiais pode realçar uma única oração nuclear (ou principal, nos termos tradicionais). Ao afirmar que uma oração adverbial “realça” o conteúdo da oração nuclear, Decat destaca um dos tipos de hipotaxe adverbial propostos por Halliday (1985). Na hipotaxe adverbial por realce (ou destaque, ou embelezamento), as orações “se combinam para modificar, ou expandir, de alguma forma a informação contida em outra cláusula (ou porção de discurso), o que é manifestado pelas relações circunstanciais” (DECAT, 2001, p. 111).

Na ocorrência (2), encontrada em uma aula do *corpus* de língua falada, observa-se que as unidades 1 e 2 criam uma moldura temporal para a interpretação do conteúdo do núcleo (DECAT, 2001). Em outras palavras, as unidades 1 e 2 tomam como escopo as unidades de 3 a 8, e não apenas uma única oração, como se propõe nos estudos tradicionais a respeito da ‘subordinação’ adverbial.

- (2) .. E .. **quando eu pego um relatório,**
.. e bato o olho nele,

² “Only in terms of its discourse context can we understand how concession is a ‘conceding’ of something: it concedes the potential incompatibility of two situations in order to forestall an objection that could interfere with the reader’s belief of the point the writer wants to make.”

.. corrijo né,
.. e vejo que o aluno não veio #,
.. se o aluno veio na monitoria,
.. eu já vejo,
.. PORQUE .. o relatório vem mais .. elaborado,
.. mais de acordo com .. o que é solicitado.

Além das relações circunstanciais já arroladas pela Gramática Tradicional, Decat (2001) destaca outras relações que podem emergir da combinação entre orações adverbiais, tais como adição, exclusão e substituição. No quesito relações discursivas, a pesquisadora foi pioneira no Brasil na utilização da RST (*Rhetorical Structure Theory*) para tratar das proposições que surgem da combinação entre orações.

De acordo com Matthiessen (2005), a RST surgiu das pesquisas relacionadas ao estudo da organização textual tendo em vista a geração automática de textos. A RST tem como principal pressuposto o fato de que as orações de um texto veiculam mais do que apenas conteúdo proposicional explícito. Da combinação entre as orações e as partes de um texto surgem proposições implícitas, as chamadas proposições relacionais, que recebem outros rótulos como “relações retóricas”, “relações discursivas”, “relações de coerência” (TABOADA, 2009, p. 127).

Uma lista de 32 relações pode ser encontrada no *website* da teoria (www.sfu.ca/rst). No entanto, como apontam Mann e Thompson (1988), essa lista não representa um rol fechado, e mais relações podem ser acrescentadas. Carlson e Marcu (2001), por exemplo, apresentam uma proposta com 78 relações.

Em termos de organização, as relações podem ser de dois tipos:

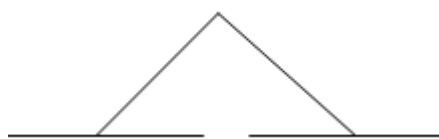
- a) núcleo-satélite, nas quais uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura 1 a seguir, em que um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo.
- b) multinucleares, nas quais uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na figura 2 a seguir.

Figura 1 — Relação núcleo-satélite



Fonte: Mann e Thompson (1988)

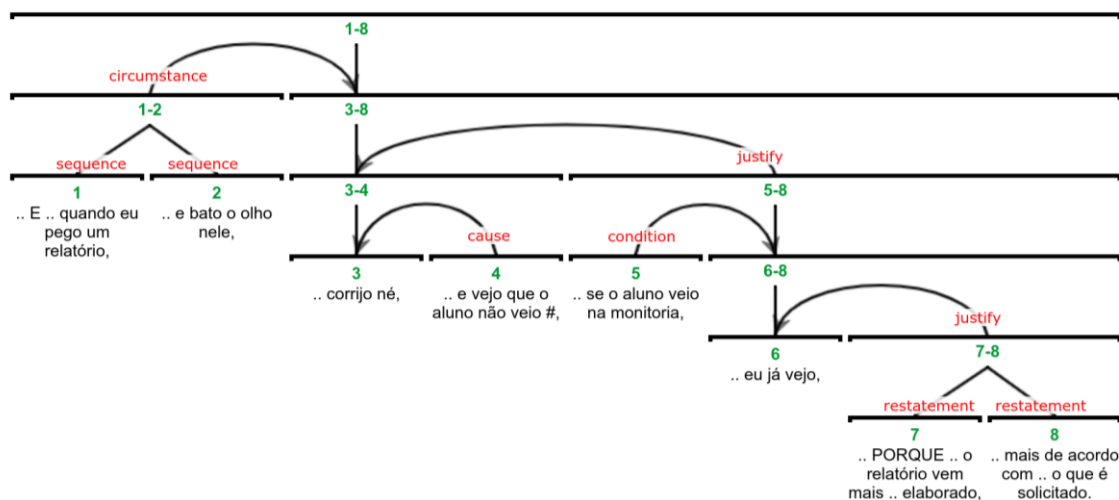
Figura 2 — Relação multinuclear



Fonte: Mann e Thompson (1988)

A análise da estrutura retórica é representada por um diagrama arbóreo e é definida pelas redes de relações que se estabelecem entre porções de texto sucessivamente maiores. Segundo Mann e Thompson (1988), a estrutura retórica é funcional, pois leva em conta como o texto produz um efeito sobre o enunciatário, ou seja, toma como base as funções que as porções do texto assumem para que o texto atinja o objetivo global para o qual foi produzido. Um diagrama da RST pode auxiliar na compreensão do escopo das orações do exemplo (2).

Figura 3 — Diagrama da estrutura retórica do exemplo (2)



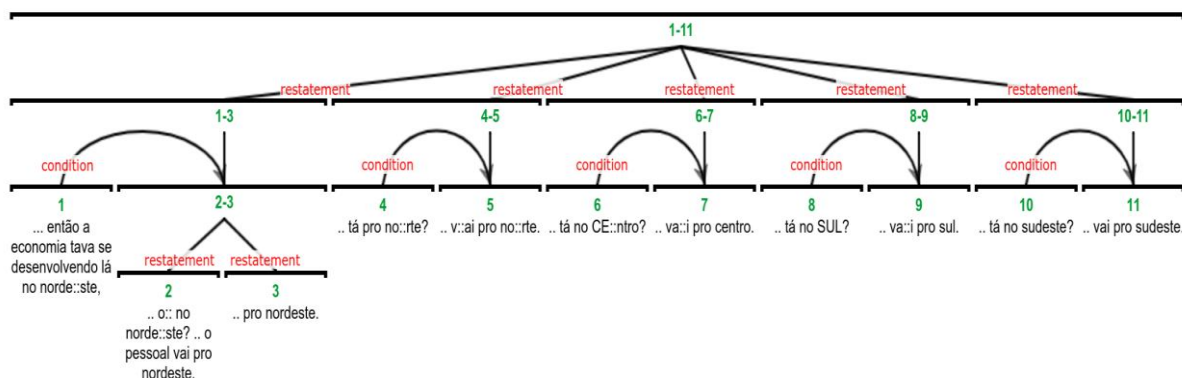
Fonte: os autores

O diagrama foi criado com o auxílio da ferramenta rstWeb (ZELDES, 2016). Os rótulos das relações estão em inglês pelo fato de a interface ser em língua inglesa. Pode-se observar que a porção satélite que estabelece a relação de circunstância temporal é formada pelas unidades 1 e 2, que estabelecem entre si a relação multinuclear de sequência (um evento - 'pegar um relatório' - ocorre antes do outro - 'corrigir o relatório'). A

relação é sinalizada pela conjunção “quando”. A unidade 3 é a porção que funciona como unidade central desse trecho da aula, pois todos os outros satélites apontam para essa unidade. Entre as unidades 3 e 4, estabelece-se a relação de causa, ou seja, a professora percebe que o aluno não veio à monitoria porque corrige o trabalho. A porção textual formada pelas unidades de 5 a 8 funciona como satélite de justificativa da porção formada pelas unidades 3 e 4. A professora apresenta, na porção formada pelas unidades de 5 a 8 a razão pela qual sabe que o aluno não veio à monitoria. A unidade 5, iniciada pela conjunção “se”, é o satélite de condição que toma como escopo a porção textual formada pelas unidades de 6 a 8 (observa-se aqui, novamente, uma oração hipotática adverbial que toma como escopo mais de uma oração). Sendo preenchida a condição apresentada na unidade 5, o evento da unidade 6 é verdadeiro, ou seja, a professora percebe que o aluno veio à monitoria. A justificativa para que a professora saiba que o aluno veio, sinalizada pela conjunção “porque”, é apresentada na porção formada pelas unidades 7 e 8, em que a unidade 8 é uma paráfrase da unidade 7.

De acordo com a RST, as relações retóricas são implícitas e, portanto, são de sentido, e não de forma (MANN; THOMPSON, 1983), ou seja, as relações são estabelecidas e interpretadas independentemente de serem marcadas explicitamente por conectivos. Também não há uma relação biunívoca entre relações e conectivos. Decat (2001) apresenta ocorrências nas quais a relação de condição emerge sem que se faça uso, por exemplo, da conjunção “se” ou equivalente. Trata-se de construções como “Leite com manga, morre”, “Bateu, levou”. No *corpus* de língua falada que utilizamos neste trabalho, também há ocorrências da relação de condição sem a utilização de conectivo, como na figura 4, que apresenta uma ocorrência encontrada em uma aula de Geografia. Nessa ocorrência, a repetição é expressa por meio de paralelismo sintático. O professor fala sobre migrações no Brasil motivadas por desenvolvimento econômico. Ele afirma que, se a economia estava se desenvolvendo no Nordeste, as pessoas iriam para aquela região, repetindo a mesma estrutura pergunta-resposta para falar das demais regiões: Norte, Centro, Sul, Sudeste. Pode-se observar que a relação de condição não é marcada por conectivo.

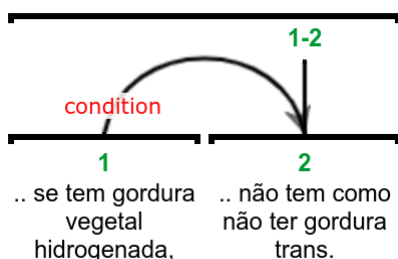
Figura 4 — Diagrama da relação de condição não sinalizada por conectivo



Fonte: os autores

Por outro lado, na figura 5, que apresenta uma ocorrência encontrada em uma entrevista do corpus, a relação de condição é sinalizada pela conjunção “se”.

Figura 5 — Relação de condição sinalizada pela conjunção “se”



Fonte: os autores

No que diz respeito aos aspectos formais, a autora, que estuda a língua em uso, apresenta exemplos nos quais as relações são sinalizadas por conjunções não tradicionalmente aceitas. De acordo com a autora, expressões como “na hora em que”, “no momento em que” estariam em uma listagem de palavras de difícil classificação. No corpus de língua falada utilizado neste trabalho, a conjunção mais utilizada pelos informantes é o “quando”, assim como na pesquisa de Braga (1999), mas outros conectivos também aparecem (“na hora que”, “depois que”, “sempre que”), como pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1 — Conectivos temporais

Conectivo	N	%
Quando	83	76,1
Na hora que	5	4,6
Depois que	4	3,7
Ao + infinitivo	3	2,8
Sempre que	3	2,8
Outros conectivos com menos de três ocorrências cada	11	10
TOTAL	109	100

Fonte: os autores

Finaliza-se esta seção do trabalho retomando-se e nomeando-se algumas das principais contribuições da professora Beatriz Decat para o estudo da combinação de orações em português: propor uma distinção entre hipotaxe adverbial e subordinação, levando em conta as diferenças entre esses dois mecanismos sintáticos; determinar as funções discursivas exercidas pelas orações adverbiais; considerar a primazia do uso sobre a forma; investigar as relações retóricas que emergem da combinação entre orações hipotáticas adverbiais.

3 CONTRIBUIÇÕES DE DECAT PARA O ESTUDO DO DESGARRAMENTO NO PORTUGUÊS DO BRASIL: UM EXAME CENTRADO NO GÊNERO “CRÔNICA”

Nesta seção, examinamos as estruturas desgarradas em um *corpus* de crônicas de Luís Fernando Veríssimo. O estudo do desgarramento está iconicamente ligado ao nome de Beatriz Decat no Brasil. Primeiramente, revisita-se a proposta original de Decat (1999, 2011) sobre o desgarramento indo às suas origens no estudo de Ono e Thompson (1994). Então, justifica-se por que a crônica, particularmente a literário-jornalística, pode constituir um território fértil para a investigação do desgarramento. A seguir, apresentam-se os dados e os resultados das análises com base no *corpus*.

Como se indicou, os estudos sobre desgarramento de Decat (2011, 2021) centram-se no território de estruturas oracionais hipotáticas, compreendendo tanto as adverbiais quanto a relativa apositiva. O exame que se apresenta a seguir busca oferecer uma amostra longitudinal da ocorrência do desgarramento em um *corpus* de crônicas literário-jornalísticas. Nesse sentido, não se restringe à investigação do desgarramento de orações hipotáticas, mas contemplam-se, também, o desgarramento de estruturas oracionais encaixadas, bem como o de estruturas sintagmáticas. Acredita-se que, assim, é possível ter uma visão

representativa do processo de desgarramento em diferentes níveis de organização das predicções, dos enunciados e dos textos.

3.1 O “desgarramento” como um processo funcional na gramática das línguas naturais

Desde o final da década de 1990, Decat (1999, 2011, 2021, entre muitos outros) tem se dedicado ao estudo do que ela chamou de estruturas “desgarradas”. Ilustre-se o fenômeno com a ocorrência em (3), a seguir.

- (3) Aí que, a partir de agora, é tudo conjectura. É a minha tese. Que pode estar errada, mas eu acho que está certa. (O lenhador³)¹

Nessa ocorrência, a oração adjetiva explicativa, que aparece sublinhada, em geral, compõe uma unidade semântica com a oração a que ela se liga. No entanto, o que se observa é que tanto a (tradicional) oração principal “É a minha tese.” quanto a oração adjetiva formam duas unidades distintas, no que diz respeito às suas propriedades semânticas e pragmáticas. Decat (2011, p. 15) caracteriza estruturas desgarradas como aquelas que, “tidas como subordinadas e dependentes pela Gramática Tradicional, vêm ocorrendo, tanto no português escrito quanto no falado, de forma solta, isolada, como um enunciado independente”. No caso da ocorrência (3), tem-se exatamente esse tipo de estrutura.

Segundo a autora, “o **desgarramento** decorre de uma **opção organizacional**, o que leva a oração poder constituir, por si só, um enunciado” (DECAT, 2021, p. 28, negrito original). Em seus trabalhos a respeito desse tema, particularmente em Decat (2021), podem-se recolher indicações importantes a respeito do funcionamento de uma estrutura desgarrada. Com base nessa citação da autora, pode-se entender que:

- a) no que diz respeito à natureza funcional, a composição de enunciados por parte de um falante está sempre submetida a escolhas (o que a autora chama de “opção organizacional”) que ele faz, escolhas estas que se determinam pelos objetivos comunicativos dos interlocutores e que se regulam pelas possibilidades sistêmicas da língua (na linha do que desenvolve Halliday, 2013);
- b) no que diz respeito ao sistema linguístico, uma estrutura desgarrada passa a ter o estatuto de enunciado independente; assim, uma oração, em geral, hipotática (como especifica a autora), cuja força ilocucionária se estabeleceria em composição com a oração principal, passa a ter força ilocucionária própria.

³ Entre parênteses está o título da crônica de que faz parte a ocorrência em questão.

Os estudos de Decat (2011, 2021) sobre desgarramento têm-se centrado particularmente no campo das orações hipotáticas, particularmente no das tradicionais orações adverbiais e as orações adjetivas explicativas (as quais a autora chama de “relativas apositivas”). No entanto, a base para o desgarramento (DECAT, 1999) está no estudo fundador de Ono e Thompson (1994) sobre os sintagmas nominais livres na conversação. Os autores desenvolvem a proposta de que sintagmas nominais livres, isto é, que ocorrem fora de uma predicação, podem realizar ações sociais na conversação, tais como “caracterizar, rotular, resumir, recapitular, avaliar, identificar, classificar”, entre outras (ONO; THOMPSON, 1994, p. 403). Ilustre-se o fenômeno de sintagmas nominais livres, na língua escrita, com uma ocorrência de nosso corpus.

- (4) Mas chegou a hora de se comprometer. Você tem uma biografia para decidir. A minha. Agora. (*O olhar da truta*)

Na língua escrita, a facilidade de se identificar esse tipo de estrutura deve-se, principalmente, ao mecanismo de pontuação. Note-se que, na ocorrência (4), o sintagma nominal sublinhado “A minha” não ocorre dentro de uma predicação, ou seja, não faz parte de uma estrutura argumental acionada por um verbo. Esse sintagma basta-se por si só e ele próprio constrói uma frase, com força ilocucionária. Por aí é que se pode identificar o tipo de função social, nos termos de Ono e Thompson (1994), que uma estrutura como essa pode desempenhar na construção dos textos. Ora, no contexto da ocorrência em questão, um falante dirige-se a um interlocutor dizendo que há uma biografia para decidir. A introdução do referente indefinido “uma biografia” é, no enunciado seguinte, especificada por “A minha”. Nessa medida, o que o sintagma nominal livre faz é especificar um referente já introduzido no texto.

Decat (1999, 2011) reenquadra a proposta de Ono e Thompson (1994) para o estudo das orações hipotáticas (adverbiais e adjetiva explicativa) em português. E, com isso, a autora estabelece que, assim como os sintagmas nominais soltos necessitam de uma âncora textual — seja uma predicação anterior, seja uma estrutura de qualquer outra natureza —, as estruturas oracionais desgarradas também necessitam de uma âncora. Logo, ficam excluídas estruturas como em (5), as quais podem caracterizar casos de “insubordinação” (HIRATA-VALE, 2021).

- (5) Se ao menos alguma coisa acontecesse. (Exemplo de Decat, 2021, p. 22)

Discussões terminológicas à parte (RODRIGUES, 2019), o desgarramento oracional em português poderia ser considerado como um subtipo de construção insubordinada; não sendo possível dizer, no entanto,

que insubordinação equivale a desgarramento, como Decat (2021) bem discute. Para essa autora, uma estrutura como a ilustrada em (5) é um caso de oração que se sustenta por si, não estando “conectada a uma oração principal” (DECAT, 2021, p. 22).

A seguir, discute-se o motivo pelo qual gêneros como a crônica literário-jornalística podem constituir um território excelente para o exame do desgarramento. Por aí, discute-se, também, a relação entre oralidade e escrita para se chegar à questão da pontuação do texto escrito, que é crucial para o desenvolvimento de uma proposta segura sobre desgarramento nessa modalidade de uso da língua.

3.2 A crônica na fronteira da oralidade e da escrita

A respeito da crônica, diz Werneck (2005, p. 7) que “quase tudo, de fato, cabe nesse rótulo ecumênico, da pequena peça de ficção ao poema em prosa, passando pela reflexão acerca de miudezas do cotidiano”. A matéria da crônica, em geral, está na banalidade cotidiana, em eventos que, ao olhar desatento, passam despercebidos. Diz Machado (1994) que a crônica não é simplesmente um produto da língua falada, mas é, também, produto de peculiaridades da cultura brasileira.

Interessa, para os propósitos deste artigo, a permeação de características da oralidade e, assim, da língua falada na crônica, entendendo-se, na esteira de Neves (2010, 2012), que língua falada e língua escrita compartilham de um mesmo sistema gramatical, havendo diferenças no modo como se aciona esse sistema na produção de enunciados em cada uma das modalidades.

Neves (2012) arrola um conjunto de traços bastante definidores da crônica que fazem ver sua afinidade com a língua falada. Segundo a autora, a crônica apresenta “um alto nível de contextualização” (NEVES, 2012, p. 85), retratando acontecimentos de seu tempo e, assim, ligada a costumes, crenças, estilos de vida e pontos de vistas particulares; isso faz que a crônica tenha temática variada e que apresente alto grau de engajamento por parte de quem a escreve.

A autora aponta, ainda, a “simplicidade formal e vivacidade de estilo” da crônica, sendo ela uma peça breve e de fácil leitura e uma peça com a qual o cronista “leva a grande empenho por obter uma recepção que recrie no leitor, do modo mais efeito possível, ideias e intenções” (NEVES, 2012, p. 85). Isso implica uma mobilização de estratégias linguísticas que na base estão ancoradas na coloquialidade da linguagem. Neves (2012) mostra como a parentetização, estratégia textual-discursiva pela qual se faz a inserção de informação que explicita ou acrescenta conteúdo ao texto, vai exatamente nessa direção. As análises que se desenvolvem nesta seção vão

na direção de mostrar que, assim como a parentetização, o desgarramento tanto é uma estratégia ancorada na coloquialidade e na oralidade, quanto serve para a obtenção de efeitos específicos na construção da crônica.

4 OS DADOS E AS ANÁLISES

Como se explicitou no início deste artigo, o exame desta seção está configurado em uma amostra de 56 crônicas de Luís Fernando Veríssimo publicadas na década de 2010 e reunidas na obra *Veríssimo Antológico* (VERÍSSIMO, 2020). A coleção desses cinquenta e seis textos resulta em um *corpus* de aproximadamente 35.076 palavras, um *corpus* pequeno e não representativo do português brasileiro (SARDINHA, 2002), a partir do qual, no entanto, podem-se extrair generalizações a respeito do funcionamento textual-discursivo do desgarramento.

Com base nessa amostra de textos, objetiva-se verificar a distribuição do desgarramento nos diferentes níveis estruturais de organização das predicções e dos enunciados. Assim, são analisados os desgarramentos: 1) na estrutura da predicação simples, com algum de seus termos constituintes; 2) na estrutura da predicação complexa, com orações encaixadas; 3) na estrutura da predicação complexa, com orações hipotáticas adjetivas explicativas (relativas apositivas); 4) na estrutura da predicação complexa, com orações hipotáticas adverbiais.

Antes de proceder à análise de cada uma dessas categorias de desgarramento, oferece-se na Tabela 2 uma visão geral quantitativa dos dados.

Tabela 2 — Número de ocorrências de desgarramento no *corpus* de crônicas.

Tipo de desgarramento	N	%
De constituinte da predicação simples	28	46,7
De oração completiva	19	31,7
De oração relativa apositiva	9	15
De oração adverbial	4	6,6
TOTAL	60	100

Fonte: os autores

Pelo que se vê, na amostra de textos que formam o universo de análise deste artigo, a ocorrência de desgarramento ocorre mais expressivamente com elementos (sintagmáticos ou oracionais) que participam da estrutura da predicação simples ou complexa (no caso do encaixamento), somando 78,4% do total das ocorrências. As orações hipotáticas (relativa e adverbiais), no todo, somam apenas 21,6% do total das ocorrências.

No que diz respeito ao desgarramento de termos de uma predicação simples, considerem-se as ocorrências (6) a (8), a seguir.

- (6) O quarto só tem uma cama e uma mesa de cabeceira com o telefone. E uma televisão. Nem um quadro na parede, nem uma paisagem. (*Temperatura ambiente*)
- (7) Eu sei, é um conceito difícil de entender. Ainda mais na sua idade. (*Crer*)
- (8) A rainha má então contrata alguém para matar Branca de Neve. Um lenhador. (*O lenhador*)

Essas três ocorrências são bastante ilustrativas do tipo de desgarramento de termos de uma predicação simples que se verifica no *corpus*. Em (6), tem-se o desgarramento de termos que compõem a predicação básica, nesse caso, termos que funcionam como objeto direto. Como se vê no trecho em (6), faz-se uma lista de coisas que tem no quarto, como cama, mesa de cabeceira com telefone, uma televisão, e uma lista de coisas que não tem, como um quadro na parede e uma paisagem. Em (7), o termo desgarrado funciona como um satélite, isto é, um termo que não faz parte da predicação nuclear, como é o caso do que se verifica em (6). O termo desgarrado funciona como um adjunto adverbial. Em (8) tem-se um caso semelhante ao da ocorrência (4), em que o termo desgarrado, nesse caso, um sintagma nominal, não se prende à estrutura da predicação em si, mas encontra nela um termo no qual se ancora. O sintagma “um lenhador” é uma especificação de “alguém” que aparece na predicação. Casos como esse ilustrado em (8) encaixam-se no que Ono e Thompson (1994) rotulam de “sintagmas nominais soltos” (*unattached nominal phrases*, em inglês), como discutido anteriormente aqui.

Há casos limítrofes, nos quais fica difícil estabelecer se o termo desgarrado faz parte da estrutura argumental de uma predicação, como em (6), ou se faz a introdução de um novo referente no discurso, seja por meio de especificação ou de estabelecimento de um novo referente, como em (4) e (8). Veja-se a ocorrência (9), na qual o termo sublinhado tanto pode ser um argumento do verbo *assoviar* quanto pode fazer a introdução de um novo referente discursivo.

- (9) E o passarinho começou a assoviar. Uma única frase, várias vezes. (*O menino e o passarinho*)

Ocorre que a predicação tomada como é apresentada “E o passarinho começou a assoviar” constrói apenas a atividade realizada pelo passarinho, não construindo o produto do assovio. Com a frase nominal “Uma única frase, várias vezes”, tem-se a introdução não só do que o passarinho assovia como também a frequência com que o faz. Do ponto de

vista da construção dos sentidos no texto, a predicação na primeira frase está completa semanticamente e simplesmente denota a atividade realizada pelo passarinho.

No *corpus* também se verificam ocorrências de desgarramento de orações encaixadas. Essas orações, tradicionalmente rotuladas de orações subordinadas substantivas, fazem parte da estrutura argumental de um predicado. Ilustre-se esse tipo de desgarramento com as ocorrências (10) e (11).

- (10) O homem desejou que a truta deixasse de encará-lo e voltasse ao carrossel junto com as outras. Ou que pelo menos desviasse o olhar. (*O olhar da truta*)
- (11) O rei, pai da princesa, dera ordens para que nada incomodasse sua linda e doce filha. E que nunca lhe faltasse o mel. (*As abelhas*)

Nessas ocorrências tem-se uma encaixada que funciona como uma oração objetiva direta, em (10), e uma oração completiva nominal, em (11). É notável, nesses dois casos, que as orações encaixadas desgarradas apareçam com conjunções coordenativas, o que também seria perfeitamente normal se todas fossem construídas como um complexo oracional com suas orações principais, como se pode ver em (10') e (11').

- (10') O homem desejou que a truta deixasse de encará-lo e voltasse ao carrossel junto com as outras ou que pelo menos desviasse o olhar.
- (11') O rei, pai da princesa, dera ordens para que nada incomodasse sua linda e doce filha e que nunca lhe faltasse o mel.

Não é incomum aparecer no *corpus* uma sequência de orações encaixadas desgarradas, como se vê em (12), todas separadas umas das outras e de sua principal por ponto final. Também ocorrem casos de desgarramento de duas ou mais orações encaixadas que apareçam configurando um único enunciado, como em (13).

- (12) Há quem diga que essa entidade que recompensa e pune não passa de um mito infantilizante que aprisiona a razão numa superstição obscurantista. Que Papai Noel não existe. Que eu sou uma fraude. Que o Papai Noel do outro shopping é uma fraude. Que todos os outros papais noéis do mundo são impostores, que por trás das suas barbas falsas há apenas pobres coitados tentando faturar alguns trocados sazonais com a crença alheia e enganando criancinhas. Não é verdade. Pode puxar a minha barba. Eu existo, eu... (*Crer*)
- (13) Não sabe como dizer que vai deixá-lo. Que não pode mais, que não aguenta, que chega. (*Feijoada completa*)

O desgarramento de orações encaixadas apresenta uma particularidade, pelo que se verifica com base nos dados do *corpus*. Todas as ocorrências de desgarramento desse tipo apresentam uma predicação completa, como se vê nas ocorrências de (10) a (13). Assim, não há ocorrências em que uma oração principal estaria truncada sem sua oração encaixada.

Por fim, tem-se o desgarramento de orações hipotáticas — adverbiais e relativa apositiva. No nosso *corpus*, é baixa a ocorrência de desgarramento desse tipo de estrutura, talvez pela natureza do gênero em si. Quanto ao desgarramento de oração adverbial, das 4 ocorrências, duas são de orações concessivas (14), uma de condicional (15) e uma de temporal (16).

- (14) No caso do nosso Tadeu ele poderia até comprar um coração num dos açougues do Nogueira, seria um toque irônico. Se bem que a dona Santa, que tinha ajudado o marido no açougue na época difícil, fatalmente reconheceria um coração de boi. (*O lenhador*)
- (15) E Luciclara era linda. Tinha cabelos dourados, olhos azuis, faces rosadas, lábios petalosos e um corpo de anjo. E, acima de tudo, Luciclara era doce. Tudo nela era melífero. Sua voz, seus gestos, seu modo de andar... Desde que não lhe faltasse mel. (*As abelhas*)
- (16) De dia, lia de trás para diante e de diante para trás. Chegava a sonhar com o livro. Sonhava com vinhedos, com châteaux, com safras famosas... Até que um dia me soltaram. (*O expert*)

Ilustre-se o desgarramento de orações relativas apositivas com as ocorrências (17) e (18), a seguir.

- (17) Mas o Magro não disse ao Maurinho que se esforçara para encontrar alguma coisa para contar da turma. Algum sucesso profissional, alguma grande alegria, alguma notícia, por medíocre que fosse, que justificasse terem escolhido ficar no universo de cá. E que, não encontrando nada para dizer, o Magro se vira, idiotamente, como se aquilo resumisse os feitos dos cinco, contando que o Lorival se mudara para Curitiba. (*Os últimos quartetos de Beethoven*)
- (18) Estava chegando ao fim de um mês de trabalho difícil, mas durante o qual fiz duas das coisas de que mais gosto, que são viajar e ver futebol. O que quer dizer que estava num paraíso. Um paraíso com escadas demais, mas um paraíso. Só podia estar agradecido. (*Os obrigados*)

Essas duas ocorrências são bastante ilustrativas de casos discutidos por Decat (2011, 2021) ao longo de suas pesquisas. Como é baixo o número de ocorrências de desgarramento de orações hipotáticas torna-se bastante difícil extrair alguma generalização sobre o funcionamento dessas estruturas na construção dos textos, sendo necessário ampliar a amostra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo fez um resgate de dois grandes temas com que Beatriz Decat tem trabalhado ao longo de sua trajetória acadêmica: a articulação de orações, vista pela Teoria da Estrutura Retórica (RST), e as estruturas desgarradas. Obviamente, esses dois temas não esgotam a amplitude de temas com que Decat tem trabalhado, mas eles certamente são representativos. Os dois estudos que se apresentaram neste artigo permitem não só confirmar algumas das teses defendidas por Decat, como também como propor novas generalizações com base nos dados apresentados. Particularmente, o artigo permitiu a testagem quantitativa de propostas feitas pela homenageada em seus trabalhos.

Como frequentemente diz Decat após conferências, apresentações e conversas acadêmicas, permanecem mais perguntas que soluções. Ainda há muito a ser pesquisado no campo da articulação de orações no português brasileiro. Certamente esta e futuras gerações de linguistas têm nos trabalhos de Beatriz Decat uma fonte rica de perguntas que ainda permanecem sem resposta.

REFERÊNCIAS

BRAGA, M. L. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. *In*: NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português falado: novos estudos**. Campinas: Humanitas/FFLCH/USP, editora da Unicamp, 1999. v. 7, p. 443–459.

CARLSON, L.; MARCU, D. **Discourse Tagging Reference Manual**. Los Angeles: University of Southern California, 2001.

CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. *In*: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (org.). **Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105–123.

DECAT, M. B. N. **Leite com manga, morre!** 1993. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 1993. 287 f.

DECAT, M. B. N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de "unidade informacional". **Scripta**, Juiz de Fora, v. 2, n. 4, p. 23–38, 1999.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: DECAT, M. B. N. *et al.* (org.). **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 103–166.

DECAT, M. B. N. **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas: Pontes, 2011.

DECAT, M. B. N. O tratamento das estruturas desgarradas em português: uma trajetória de pesquisa na língua em uso. *In*: DECAT, M. B. N. et al. **Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação**: perspectivas funcionalistas. Campinas: Pontes, 2021, p. 15–43.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. Meaning as choice. *In*: FONTAINE, L.; BARTLETT, T.; O'GRADY, G. (ed.). **Systemic Functional Linguistics**: exploring choice. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2013, p. 15–36.

HIRATA-VALE, F. B. M. Para uma interpretação condicional de construções temporais do português: contextos de uso. **Alfa**, Araraquara, v. 52, n. 1, p. 167–177, 2008.

HIRATA-VALE, F. B. M. Perspectivas teóricas para análise do fenômeno da insubordinação: estado da arte e desafios futuros. *In*: DECAT, M. B. N. et al. **Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação**: perspectivas funcionalistas. Campinas: Pontes, 2021, p. 75–113.

MACHADO, I. **Literatura e redação**. S. Paulo: Scipione, 1994.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. **Relational Propositions in Discourse**. Los Angeles: Information Sciences Institute, 1983.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. **Text**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 243–281, 1988.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and 'subordination'. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (org.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988, p. 275–329.

MATTHIESSEN, C. Remembering Bill Mann. **Computational Linguistics**, New York, v. 31, n. 2, p. 161–172, 2005.

NEVES, M. H. M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência de linguagem**. S. Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. M. As estratégias discursivas e suas implicações na relação entre oralidade e escrita – um estudo do parêntese na crônica. **Linguística**, Bogotá, v. 27, p. 77–97, 2012.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

ONO, T. O.; THOMPSON, S. A. Unattached NPs in English Conversation. *In*: GAHL, S.; DOLBEY, A.; JOHNSON, C. (org.). Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society:

General Session Dedicated to the Contributions of Charles J. Fillmore, 20, 1994, Berkeley. **Proceedings** [...]. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1994. p. 402–419.

PRETI, D. **Análise de Textos Oraís**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

RODRIGUES, V. V. Cláusulas desgarradas e seu(s) uso(s). *In*: RODRIGUES, V. V. (org.). **Desgarramento de cláusulas em português**: usos e descrição. São Paulo: Blucher, 2019, p. 113–142.

SARDINHA, T. B. Tamanho de *corpus*. **The Specialist**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103–122, 2002.

TABOADA, M. Implicit and explicit coherence relations. *In*: RENKEMA, J. (org.). **Discourse, of course**. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 125–138.

THOMPSON, S. A.; MANN, W. C. A Discourse View of Concession in Written English. *In*: DELANCEY, S. C.; TOMLIM, R. S. (org.). Annual Pacific Linguistics Conference, 2., 1987, Eugene. **Proceedings** [...]. Eugene: Department of Linguistics/University of Oregon, 1987. p. 435–447.

VERÍSSIMO, L. F. **Veríssimo antológico**. São Paulo: Objetiva, 2020.

WERNECK, H. Um gênero tipicamente brasileiro. *In*: WERNECK, H. (org.). **Boa companhia**: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 7–12.

ZELDES, A. rstWeb - A Browser-based Annotation Interface for Rhetorical Structure Theory and Discourse Relations. NAACL-HLT 2016 System Demonstrations. **Proceedings** [...]. San Diego: NAACL, 2016. p. 1–5.

CONEGLIAN, ANDRÉ V. LOPES;
ANTONIO, JULIANO DESIDERATO.
ESTRUTURA RETÓRICA, COMBINAÇÃO DE
ORACÕES, ESTRUTURAS DESGARRADAS:
REVISITANDO CONTRIBUIÇÕES DE BEATRIZ
DECAT PARA ESTUDOS FUNCIONALISTAS.
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13, N. 1,
E 2590, P. 18-37, JAN. ABR. 2023. DOI:
10.22168/2237-6321.12590